

CONSIDERAÇÕES NARRATIVAS SOBRE AS VIVÊNCIAS AFETIVO-SEXUAIS
ENTRE LÉSBICAS E SUAS RELAÇÕES COM OS MITOS E ESTEREÓTIPOS A
RESPEITO DA LESBIANIDADE

Lívia Gonsalves Toledo

Mestranda pelo Programa de Pós Graduação em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - Faculdade de Ciências e Letras de Assis

liviagtoledo@gmail.com

Resumo

Esse trabalho refere-se a uma pesquisa de dissertação de mestrado ainda em andamento do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – Faculdade de Ciências e Letras de Assis. Tem como objetivo investigar junto à população lésbica as especificidades das vivências afetivo-sexuais entre mulheres lésbicas e sua relação com os mitos e estereótipos da homossexualidade feminina. A área de abrangência será a região de Assis, interior de São Paulo. Em um contexto social machista e heteronormativo, historicamente construído, as mulheres que se relacionavam eroticamente com outras mulheres permaneceram invisíveis, o que pode ter possibilitado a perpetuação de discursos míticos ou realidades imaginárias sobre essas mulheres. Os dados estão sendo colhidos por meio de entrevistas semi-dirigidas. Acreditamos que as informações científicas sobre a realidade existencial dessa população possibilitarão problematizações psico-sociais que podem contribuir para a produção de qualidade de vida para pessoas que são movidas por perspectivas universais de mitos e estereótipos, a criação de políticas públicas e o cuidado com a saúde de pessoas que, por conta da estigmatização, se encontram vulneráveis ao sofrimento físico, psíquico e à exclusão social.

“Ao invés de um gesto lingüístico autolimitativo que garanta a alteridade ou a diferença das mulheres, o falocentrismo oferece um nome para eclipsar o feminino e tomar o seu lugar” (BUTLER, 2003, p. 33). No decorrer da história ocidental, a arte foi uma grande forma de comunicação com a população, um modo de: sinalizar e advertir o que era ou não permitido, o que se deveria ou não evitar; representar a realidade; e, muitas vezes, sugerir, de maneira implícita ou explícita, subversões e transformações da realidade. Smalls (2003, p. 73-

102), coloca que, na arte Renascentista, a homossexualidade feminina foi relegada a terceiro plano, devido, principalmente, à intensa misoginia existente naquele período histórico. Em contrapartida, houve uma vasta quantia de obras que explicitavam o homoerotismo masculino (como dos pintores Leonardo da Vinci (1452 – 1519) e Michelangelo Buonarroti (1475 – 1564)), a partir da mitologia grega e da filosofia humanista. As poucas obras sobre a homossexualidade feminina foram produzidas principalmente para o prazer masculino e “não indicavam uma tolerância em relação às mulheres engajadas em verdadeiras práticas homossexuais” (Idem, p. 102).

Os primeiros estudos que tratavam a temática da sexualidade preocupavam-se inicialmente com a diferenciação entre os sexos e afirmavam a existência de um sexo único: o masculino. Nessa concepção, a mulher era uma variação inferior deste, sendo vista como um homem invertido (LAQUEUR, 2001, p. 41). Segundo esse autor, os manuais de anatomia viam os genitais da mulher como uma versão não desenvolvida do sexo do homem ainda no século XVIII. Em geral, os estudos sobre a sexualidade feminina são pensados a partir da sexualidade masculina. “Até o final dos anos 20, o movimento psicanalítico não havia elaborado uma teoria diferenciada do desenvolvimento feminino. Em visto, tinham sido propostas variantes de um complexo de “Electra”, para as mulheres, no qual a experiência feminina era pensada como uma imagem espelhada do complexo de Édipo descrito para os homens” (RUBIN, 1975, p. 28).

Temáticas como a homossexualidade em escritos científicos foram estudadas apenas nas últimas décadas no Brasil, entretanto, as pesquisas científicas sobre a lesbianidade são escassas e, em contrapartida, já existe uma vasta bibliografia sobre a homossexualidade masculina, principalmente no que diz respeito à área da saúde. Em específico, foi a partir de 1980 que emergiram os primeiros estudos sobre aspectos do desenvolvimento da homossexualidade tendo por referência a mulher como sujeito psicologicamente saudável (BARBOSA & FACCHINI, 2005, p. 18).

Dessa forma, nota-se que a figura da mulher lésbica pouco aparece na história. Talvez porque, em um contexto onde apenas o homem é valorizado, e espera-se que a mulher se afaste de sua sexualidade — sendo valorizado o sexo para a reprodução —, as lésbicas, enquanto mulheres que buscam no sexo o prazer, se coloquem em sentido oposto, sendo então excluídas e invisibilizadas. Essa invisibilidade se traduz em um desconhecimento acerca da

lesbianidade, suas especificidades e diversidades, e possibilita a criação de mitos em torno da sexualidade da mulher lésbica e, por conseguinte, do universo feminino. Os mitos e estereótipos formados socialmente advêm de uma construção histórico-cultural, da mídia e do senso-comum que generalizam acontecimentos ditos “negativos” a respeito de algo, formando, assim, representações limitadas e errôneas em relação às identidades.

Acreditando, juntamente com Weeks (2001, p.39), que a sexualidade é, “além de uma preocupação individual, uma questão claramente crítica e política, merecendo, portanto, uma investigação e uma análise histórica e sociológica cuidadosas”, essa pesquisa pretende investigar, a partir da história da homossexualidade feminina no Brasil, como os mitos em relação à mesma são perpetuados na contemporaneidade e como as lésbicas se relacionam com eles.

Por isso, estaremos investigando a perpetuação desses mitos que reforçam a lesbofobia junto a mulheres que se identificam enquanto lésbicas. Se a identidade sexual, nesse trabalho, a partir dos *Estudos Culturais*¹, é entendida enquanto uma construção sócio-histórica e cultural, que opera tanto no coletivo quanto no individual, “nem a cultura é um ente abstrato a nos governar nem somos meros receptáculos a sucumbir às diferentes ações que sobre nós se operam” (GOELLNER, 2003, p.39). Assim, cada pessoa reage a esses mitos ora aceitando-os como “verdadeiros”, ora opondo-se, negociando, pactuando ou recusando os mesmos. A cultura, campo de produção dos mitos, é um campo político, como o é também a identidade, o corpo e o modo como vivenciamos essa experiência. Assim, queremos saber como mulheres lésbicas negociam a construção de suas identidades, práticas sexuais e afetivas, com os mitos sobre a homossexualidade feminina, levando-se em consideração, sobretudo, suas histórias de vida, suas explicações sobre essas negociações, dando-lhes, portanto, a oportunidade de conceder-lhes a palavra e discurso.

Eixo do XIV Encontro em que se insere: Gênero, sexualidade, etnia e geração.

¹ Como aponta Silvana V Goellner (2003, p. 30), “Os estudos culturais têm sua origem a partir da fundação do Centro de Estudos Culturais Contemporâneos, na Universidade de Birmingham, Inglaterra, na década de 60”. Tais estudos contemplam as perspectivas de gênero iniciadas pelo movimento feminista e GLBTT na década de 70, bem como a perspectiva pós-estruturalista pautada na produção de autores como Michel Foucault e Jacques Derrida.

Trabalho Completo

A palavra “Lesbianismo” data de 1870 (LARDINOIS, 1995, p. 27). Entretanto, a relação afetivo-sexual entre mulheres existe desde a Antiguidade, e mesmo tendo sido pouco reconhecida, essas mulheres foram nomeadas de diversas formas: safistas, sáficas, lésbicas, lesbianas², fricatrix e tríbades³.

A identidade lésbica que hoje conhecemos, nem sempre correspondeu àquilo que conhecemos atualmente.

Embora a homossexualidade tenha existido em todos os tipos de sociedade, em todos os tempos, e tenha sido, sob diversas formas, aceita ou rejeitada, como parte dos costumes e dos hábitos sociais dessas sociedades, somente a partir do século XIX e nas sociedades industrializadas ocidentais, é que se desenvolveu uma categoria homossexual distinta e uma identidade a ela associada (WEEKS, 2001, p. 65).

Surgiu então na ciência uma categoria nova, o homossexual, (juntamente com a categoria de heterossexual) (KATZ, 1996), explicada a partir do *ser*, e não do *se comportar*. Isso originou disputas científicas para a explicação deste “fenômeno”: biológicas, psicológicas, hormonais, ambientais, que forneceu uma “norma ao redor da qual as pessoas assim definidas eram constrangidas, até bem recentemente, a viver suas vidas”. (Idem, p. 68). Ou seja, homens e mulheres deveriam seguir a heterossexualidade, e ainda estar de acordo com os padrões de masculinidade e feminilidade – homens masculinos, mulheres femininas⁴. Além disso, os atributos masculinos, sempre reconhecidos como do homem, eram em geral mais nobres e/ou superiores aos femininos (atividade x passividade, força x fragilidade, racionalidade x sentimentalidade etc).

Assim, num contexto heterocentrado, falocentrado e machista onde está prevista a dominação masculina⁵ e existem modelos de homem, mulher, criança, família etc, que são apresentados como “verdades” naturais e superiores às outras formas de subjetivação, o que

² Termos originários da poetisa Safo que viveu na Ilha de Lesbos, na Grécia Antiga, por volta de 600 a. C.

³ “Tríbades (em latim *fricatrix*, aquelas que se roçam), nome que os gregos davam às mulheres homossexuais e que os atenienses acreditavam ser mais comum em Esparta” (TORRÃO FILHO, 2000, p. 28).

⁴ Entretanto, o modelo homossexual que emergiu no século XIX tentou explicar homens e mulheres homossexuais nos mesmos termos, como se tivessem uma causa e características comuns. De fato, o modelo era extraordinariamente baseado na homossexualidade masculina e nunca foi diretamente aplicável às mulheres (KATZ, 1996, p. 69).

⁵ Daniel Welzer-Lang (2001, p. 461) em “A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia” diz da evidência desta dominação coletiva e individual das mulheres (e dos homens que fogem à norma da masculinidade e virilidade), na esfera pública e privada e atribui aos homens privilégios materiais, culturais e simbólicos.

foge a esses padrões é estigmatizado, portanto, inferiorizado, e muitas vezes, violentado. A partir disso, o social identifica os sujeitos a partir de seus estereótipos, criando identidades estigmatizadas (como ‘a lésbica’ ou ‘o gay’) transmitindo e re-atualizando esses estigmas de geração em geração. Essa forma de transmissão e reafirmação desses estereótipos homogeniza e reifica as diferentes formas de expressão da lesbianidade. Isso contribui para a reafirmação dos mitos, dando-lhes um suposto caráter de verdade, essência e universalidade.

As motivações para o estudo dessa temática se deram pelo contato direto com a população lésbica. Tanto em meu cotidiano como trabalhando em uma organização não-governamental – NEPS (Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre as Sexualidades) como coordenadora de um projeto para lésbicas na cidade de Assis/SP e região⁶, pude verificar no discurso dessas mulheres a presença de mitos e estereótipos interiorizados ao longo de suas histórias de vida, tanto no nível individual quanto no nível social. Todavia, as pessoas não são apenas receptáculos passivos dos valores culturais. Ocorre uma negociação, onde há um poder opressivo normativo de controle social e um contra-poder, que são as oposições e resistências contra o poder. Como coloca Goellner, (2003): “Reagimos [a ações que sobre nós se operam], aceitamos, resistimos, negociamos, transgredimos...”. (GOELLNER, 2003, p. 39). A partir dessa experiência, passei a me perguntar a respeito dos mecanismos pelos quais essas pessoas negociavam a incidência do poder exercido pela lesbofobia em suas vidas, sob seus corpos, seus prazeres e suas paixões.

Além disso, partindo do pressuposto de que socialmente existe uma visão estereotipada das mulheres lésbicas, isso poderia acarretar para elas um sentimento de não pertença a uma história, e de exclusão social que as colocaria em uma posição de vulnerabilidade ao sofrimento físico e psíquico, assim como à impossibilidade de acesso à direitos, logo, de ser cidadã. Como exemplo, estarem vulneráveis à infecção e transmissão de DSTs/HIV, já que existem mitos de que a “prática sexual entre mulheres é de baixo ou nenhum risco”; que “DSTs são doenças provenientes de homens”; ou que o ginecologista é o “médico que trata de questões ligadas ao sexo com homens a à reprodução” (FACCHINI, 2004; BARBOSA & FACCHINI, 2005).

⁶ Esse projeto teve duração de 12 meses, chamou-se Café com Bolachas e fazia parte do Grupo de Trabalho de diversidade sexual junto a outros projetos que tinham como finalidade desenvolver intervenções preventivas, de potencialização da cidadania e dos direitos humanos bem como apoio psicológico junto a gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais (GLBTT) e seus familiares.

Os mitos e estereótipos sobre a lesbianidade poderiam contribuir para a potencialização das vulnerabilidades da saúde das mulheres lésbicas assim como a outros aspectos relevantes de sua vida afetivo-sexual, tais como: a relação com os cuidados de si, com seu prazer, com o amor, com o trabalho, enfim, com outros aspectos importantes de sua socialização primária (a família) e secundária (o campo social), bem como no campo político de acesso a direitos enquanto cidadãs.

As participantes desse estudo serão seis mulheres que se auto-denominam lésbicas residentes na região de Assis, interior de São Paulo. Assim, serão três mulheres de 18 a 45 anos e três de 45 a 65 anos, que tenham crescido em dois contextos históricos distintos, respectivamente, o contexto da AIDS e o da Revolução Sexual dos anos 60. Desse modo, poderemos perceber as variações geracionais mais do que as regionais.

Estão sendo realizadas entrevistas em profundidade, áudio-gravadas, compostas por questões abertas, por meio de um roteiro semi-estruturado formulado a partir da identificação dos mitos e estereótipos encontrados na História da Homossexualidade da Mulher no Brasil.

As entrevistas são submetidas à análise de conteúdo⁷ enquanto técnica, e às narrativas de vida (JOSSO, 1999; SANTOS, 1998; CONNELLY & CLANDININ, 2000; TELLES, 1996) enquanto forma de análise, para verificar a relação dos mitos vigentes com a realidade cotidiana das vivências afetivo-sexuais das participantes.

De acordo com Santos (1998), quando se trabalha com histórias, entramos em contato com dois pressupostos: a memória e a noção de cultura. Assim, o a formação do indivíduo está impregnada dos valores, regras e hábitos culturais, a transmissão oral terá sempre presente a cultura do contexto estudado, ou seja, serão “meandros de um imaginário social e coletivamente construído, mas cuja apropriação se dá de forma individual” (SANTOS, 1998, p. 94), assim, um relato pessoal se torna um relato coletivo, como a emergência de muitas vozes.

Ao colher relatos individuais das lésbicas, procura-se, a partir do singular, da individualidade, do vivido, do experienciado, compreender algumas das possibilidades de

⁷ Por análise de conteúdo entendemos um conjunto de técnicas de análise das comunicações que, através de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, visa obter indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção e recepção destas mensagens. (BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa, Edições 70, 1977).

vivências que fogem ao contexto da sociedade normatizada, ou, ao contrário, compreender como o social se impõe sobre essa população, muitas vezes acarretando em situações desprazerosas, como a ilegitimidade, a marginalização e a violência.

Até o presente momento, a dissertação compõe-se de cinco capítulos sendo o primeiro uma história real ilustrando a existência de mitos e estereótipos em relação à lesbianidade na contemporaneidade. O segundo capítulo traça a trajetória histórica da homossexualidade feminina ao longo da história ocidental desde a Antiguidade até hoje, o que me pareceu importante, pois faz um resgate e dá visibilidade a essa história, e porque muito dos mitos e estereótipos que se construíram e se naturalizaram atualmente aparecem como reflexos dessa história.

O terceiro capítulo faz referência aos mitos e estereótipos identificados na história da homossexualidade feminina, os quais foram utilizados para compor as entrevistas, a saber:

1) “O que mulheres lésbicas fazem não é sexo” em que se discute a respeito da sexualidade feminina sendo vista de maneiras diversas no decorrer da história, entretanto sempre pautando o prazer feminino no falo masculino. Assim, na crença de uma sexualidade genitalizada, para que uma mulher sinta prazer é visto como necessária a penetração de um pênis, ou, no mínimo, um substituto deste. Tal era, e é ainda, essa crença presente, que mulheres lésbicas, em muitos momentos, não eram condenadas por suas relações com outras mulheres se não houvesse uma penetração.

Foi então o não conhecimento da sexualidade e do prazer feminino que permitiu a construção de teorias que invalidassem o prazer sexual entre mulheres, por meio da genitalização do sexo, pautada na função reprodutiva do sexo e na primazia do falo.

2) “Lésbicas são masculinizadas” em que se discute os papéis sociais de homem e mulher construídos sócio-historicamente e naturalizados enquanto “verdades”, a temática do binarismo e da rigidez dos padrões de sexo/gênero/desejo (BUTLER, 2003). Acreditando que:

Estamos vivendo o fim do que eu chamaria de modelo europeu de modernização, que trata, como você sabe, de criar e enfatizar pólos de contradição: o moderno e o não moderno, a inteligência e o sentimento, homens e mulheres, público e privado [...]. Mas recentemente, ou seja, nos últimos 150 anos, estamos esforçando-nos na transformação da nossa imagem de mundo, reintegrando e combinando categorias que mantínhamos em oposição [...] de tal maneira que o que está em jogo no movimento de mulheres é a possibilidade e a necessidade de pôr fim a esse sistema polarizado, no campo das relações de gênero. [...] o papel das mulheres não seria tanto o de transformar ou de substituir o feminino com o masculino, mas de

superar, quer dizer, recriar a unidade entre os pólos que se criaram como opostos (ADELMAN, 2004, p. 170).

Assim, é necessário pensar o sujeito e a identidade problematizando criticamente as ciências tradicionais, que se baseiam em oposições binárias: homem/mulher, masculino/feminino, heterossexual/homossexual, já que o sujeito não se restringe a uma única categoria fixa, mas pode se apresentar em muitas diferentes possibilidades de existência e mesmo alterar-se, transformar-se, multiplicar-se, como confirma LOURO (2004):

A desconstrução das oposições binárias tornaria manifesta a interdependência e a fragmentação de cada um dos pólos. Trabalhando para mostrar que cada pólo contém o outro, de forma desviada ou negada, a desconstrução indica que cada pólo carrega vestígios do outro e depende desse outro para adquirir sentido. A operação sugere também o quanto cada pólo é, em si mesmo, fragmentado e plural (LOURO, 2004, p. 43).

Muitos “personagens” sociais explicitam a desconstrução de tais binarismos, como explicitamente as drag queens, drag kings, bissexuais, andrógenos, travestis e transexuais, e menos explicitamente todas as outras pessoas que não se aplicam ao padrão mulher-feminina-heterossexual ou homem-masculino-heterossexual.

Dessa forma, a oposição da masculinidade e da feminilidade atribuindo-as a *locus* específicos como “do homem” e “da mulher” é colocar o sujeito em categorias restritas, quando não irrealísticas. Bright (1998), crítica de erotismo e educadora de sexo nos EUA, conhecida como a intelectual da pornografia, nos apresenta as categorias lésbicas *butch* e *femme*:

Butch: lésbicas que usam roupas neutras ou masculinas, faz p tipo mais durona, toma a iniciativa em boa parte das situações e apresenta uma fachada de auto-suficiência. Femme: lésbica mais identificada com vestidos e maquiagem, aparente fragilidade, sedução indireta e comportamento de quem gosta de ser ajudada e elogiada. Dois tipos culturais que não existem no estado puro (BRIGHT, 1998).

A autora acrescenta que são “dois tipos culturais que não existem num estado puro”, exatamente porque sujeito algum, independente de seu sexo, orientação ou identidade sexual, assume-se num “estado puro” de masculinidade ou feminilidade, já que características ditas masculinas ou femininas, ou seja, construções sócio-culturais de masculinidade e feminilidade encontram-se em todas as pessoas.

3) “Na relação lésbica há uma que é ‘ativa’ e outra que é ‘passiva’” que trata também da temática do binarismo, mas nos modelos heteronormatizados.

A ‘presença’ das assim chamadas convenções heterossexuais nos contextos homossexuais, bem como a proliferação de discursos especialmente gays da diferença sexual, como no caso de *butch* e *femme* como identidades históricas de estilo sexual, não pode ser explicada como a representação quimérica de identidades originalmente heterossexuais (BUTLER, 2003, p. 56).

4) “Lésbicas são monogâmicas ou lésbicas não são promíscuas” que fala sobre a construção social da subjetividade feminina e os reflexos disso na sexualidade, lembrando que existe uma piada no meio homossexual que diz:

Você sabe a diferença entre um casal gay masculino e um casal gay feminino? [...] entre homens, o segundo encontro nem chega a acontecer. Mas no segundo encontro entre as mulheres, elas já começam a discutir a relação e a planejar na casa de qual das duas vão morar⁸.

5) “Lésbicas são lésbicas porque tiveram uma relação frustrada com homens e aguardam um homem que lhes satisfaçam”, o último mito a ser discutido que trata da temática do falocentrismo, machismo, heterossexualidade compulsória e a heterossexualidade como maturidade da sexualidade feminina. Sobre isso, podemos dizer que de acordo com Freud, ao nascer, todos os bebês, meninos e meninas, têm como objeto de desejo a figura materna, representada pela mãe e a partir desta lógica, as meninas, têm inicialmente o desejo orientado para alguém do mesmo sexo, equivalendo a um desejo homossexual.

De acordo com a psicanálise para um “desenvolvimento completo” ou “maduro” da sexualidade, as meninas, devem renunciar a este objeto de desejo, da atribuição fálica de seu órgão genital⁹. Sendo assim, a menina se identifica com a mãe ou com um representante do sexo feminino, e isto quer dizer que o desenvolvimento normal da feminilidade na mulher se baseia na renúncia de sentimentos e comportamentos ditos masculinos. Desta forma, a homossexualidade era considerada para Freud uma parada no desenvolvimento sexual. Entretanto, Freud ainda não tinha argumentos tão concertos para patologizar a

⁸ Camille Paglia, filósofa americana homossexual. REVISTA CLÁUDIA (Junho 1998).

⁹ Parafrazeando Napoleão, Freud irá dizer: “A anatomia é o destino”. Isto é, “o clitóris na menina inicialmente comporta-se exatamente como um pênis, porém, quando ela efetua uma comparação com um companheiro de brinquedos do outro sexo, percebe que “se saiu mal” e sente isso como uma injustiça feita a ela e como fundamento para a inferioridade. [...] A renúncia ao pênis não é tolerada pela menina sem alguma tentativa de compensação. Ela desliza – ao longo da linha de uma equação simbólica, poder-se-ia dizer – do pênis para um bebê”. (Freud, 1924 [1976], pp. 222-223).

homossexualidade, já que também questionava a heterossexualidade. “Em um ensaio de 1905, Freud diz: O interesse exclusivo do homem pela mulher também é um problema que exige uma explicação, não é algo evidente por si mesmo” (KATZ, 1996 p. 81).

O quarto capítulo refere-se à identidade lésbica e a vivência afetivo-sexual entre mulheres e discute a construção de uma identidade lésbica nas últimas décadas, baseando-se na crença de que as sexualidades são produzidas a partir do equivalente geral da heterossexualidade, ou seja, é vista como norma compulsória que, investida de poder, desqualifica, desacredita, vulnerabiliza e oprime toda e qualquer outra forma de expressão das sexualidades. Assim presume-se a identidade lésbica como uma construção recente, instável e invisibilizada.

E o quinto e último capítulo aborda a questão das vulnerabilidades das mulheres lésbicas e da lesbofobia. Apresenta-se aí que, é a partir de mitos e estereótipos (re)criados no contexto falocentrista, machista e homofóbico que a lesbianidade, o sexo e o prazer entre mulheres são muitas vezes vistos de forma errônea, estereotipada, pautada na dicotomia masculino/feminino e no falo, e a construção e perpetuação desses mitos e estereótipos interiorizados pelas pessoas tanto no nível individual quanto no nível social intensificam a lesbofobia. Os estigmas que as lésbicas têm marcados em seu corpo são vários e vêm se construindo historicamente, e resultam, além da discriminação, exclusão e marginalização, em atos de violência moral (“mulher não deve agir assim”), psicológica (“você é muito feminina para ser lésbica”), física (“vou te mostrar o que é ser macho”) e sexual (“vou te ensinar a ser mulher”), e até homicídios (MOTT & CERQUEIRA, 2003) estimulados pela intersecção de valores culturais normativos, poder e diferença percebida.

A dissertação, como já mencionado, está em andamento, e será possivelmente finalizada até o fim do ano de 2008. Esperamos que esse estudo possa ampliar o conhecimento na área em questão e vir a ser um material informativo importante para profissionais e instituições que trabalham especificamente com sexualidade e lesbianidade.

Referências bibliográficas

ADELMAN, Miriam. (2004, novembro). Sexo, gênero, sujeito: uma entrevista com Alain Touraine. *Revista de Psicologia e Política*, n 023. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 169-74.

- BARBOSA, Regina Maria & FACCHINI, Regina. (2005). Rede Feminista de Saúde. *O dossiê saúde das mulheres lésbicas: promoção da equidade e da integralidade*. Recuperado em 10 de abril, 2006, de www.redesaude.org.br/dossies/assets/docs/dossie_lesbicas_maior.pdf.
- BRIGHT, Susie. (1998). *Sexo entre mulheres: um guia irreverente*. (Sonia Simon, trad.) São Paulo: Summus.
- BUTLER, Judith (2003). Problemas de gênero – feminismo e subversão da identidade. [Renato Aguiar, trad.] Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- CLANDININ, D. Jean & CONNELLY, F. Michael (2000). *Narrative Inquiry: experience and story in qualitative research*. San Francisco: Jossey-Bass Publishers.
- FACCHINI, Regina. (2004). Mulheres, diversidade sexual, saúde e visibilidade social. In: RIOS, L. F. et al (orgs). *Homossexualidade: produção cultural, cidadania e saúde*. (pp. 34-43). Rio de Janeiro: ABIA.
- FREUD, Sigmund. ([1905] 1976) Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In *Obras Completas*.
- _____. ([1924] 1976) A dissolução do Complexo de Édipo. In *Obras Completas*.
- GOELLNER, Silvana Vilodre (2003). A produção cultural do corpo. In LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre [orgs] *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- JOSSO, Marie-Christine. (1999, julho/dezembro.). História de vida e projeto: a história de vida como projeto e as “história de vida” a serviço de projetos. *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v. 25, n 2, 11-23.
- KATZ, Jonathan Ned; prefácio Gore Vidal. (1996). *A invenção da homossexualidade*. (Clara Fernandes, trad.) Rio de Janeiro: Ediouro.
- LAQUEUR, Thomas (2001). Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud. [Vera Whately, trad.] Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- LARDINOIS, André. (1995). Safo lésbica e Safo de Lesbos, In: BREMMER (org.), Jan. *De Safo a Sade: Momentos na história da sexualidade*. (pp. 27-50). Campinas-SP: Papirus.
- LOURO, Guacira Lopes. (2004). *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica.

- MOTT, Luis & CERQUEIRA, Marcelo. (2003). *Matei porque odeio gay*. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia.
- REVISTA CLÁUDIA (1998, junho). São Paulo: Editora Abril. n.6, ano 37. pp. 170-175. ISSN 009-8507.
- RUBIN, Gayle (1975). O tráfico de mulheres: notas sobre a economia política do sexo. [ONG SOS Corpo (Recife), trad.] In: REITER, Rayna. [org.] *Toward an anthropology of women*. New York: Monthly Review Press.
- SANTOS, F. S. D. dos (1998, março/junho). Histórias de vida e história da cultura. *História, Ciências, Saúde — Manguinhos*, v.1, 85-98.
- SMALLS, James (2003). *L'homosexualité dans l'Art* [Fernando S. Teixeira Filho, trad.] New York, USA: Parkstone Press Ltd.
- TELLES, João A. (1996). *Teachers' professional knowledge landscapes*. São Paulo: D.E.L.T.A, Vol. 12, no. 2, 367-378.
- TORRÃO FILHO, Amílcar. (2000). *Tríbadas galantes, fanchonos militates: homossexuais que fizeram história*. São Paulo: Summus.
- WEEKS, Jeffrey (2001). O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes [org]. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica.